

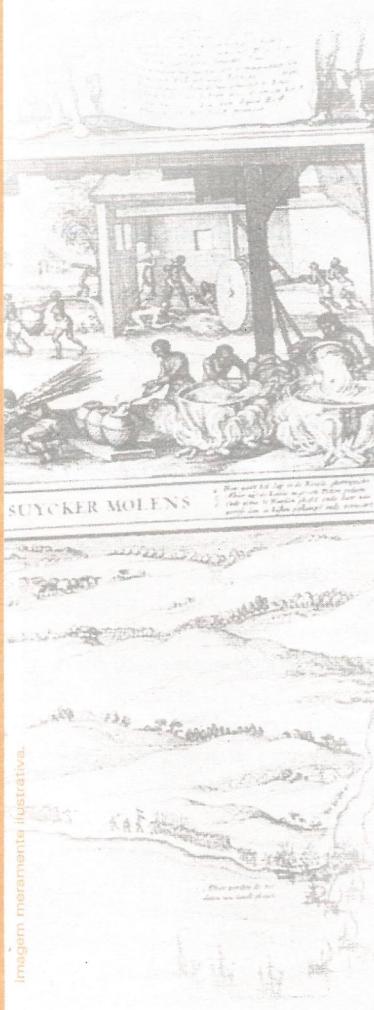


ASSOCIAÇÃO DOS
ARQUIVISTAS DO
ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL

Jornal ACESSO

Informativo da Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul - Ano 5 - Número 19 - Nov. Dez. 2003

Censo dos arquivos Municipais do RS



O Conselho Nacional de Arquivos CONARQ, criado pela Lei nº 8159/91, é o órgão responsável pela definição de políticas para arquivos públicos e privados. Entre suas competências destacam-se a definição de diretrizes para o pleno funcionamento do Sistema Nacional de Arquivos (SINAR), velando pela gestão, preservação e acesso aos documentos de arquivo, além de estimular a implantação de sistemas de arquivo nos poderes legislativos e judiciário nos Estados, Distrito Federal e Municípios. A partir daí alguns estados e municípios passaram a estabelecer legislação própria fazendo com que o Brasil seja considerado o país mais adiantado, na América Latina, em termos de legislação arquivística.

Porém essa realidade não se reflete em todos os estados e municípios brasileiros. No RS foi criado, pelo Decreto nº 33.200/89, o Sistema de Arquivos do Estado SIARQ/RS, Coordenado pela Secretaria de Administração e dos Recursos Humanos, através do Departamento de Arquivo

Público do Estado com intuito de acompanhar e implementar esses avanços no âmbito estadual. Entretanto, nos municípios as ações produzidas, ainda são isoladas, não tendo a necessária divulgação.

O SIARQ/RS, em parceria com a FAMURS, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS), Associação de Arquivistas do Rio Grande do Sul (AARS), Associação Nacional de História Núcleo Regional do Rio Grande do Sul (ANPHU) e GT Acervos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), através do Curso de Arquivologia e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), através do Curso de Arquivologia, formaram o Fórum dos Arquivos do RS e vêm trabalhando na intenção de colaborar com os entes municipais na implementação de políticas públicas na área de gestão da informação/arquivos.

A primeira ação deste Fórum é a implementação do **Censo dos Arquivos Municipais**, com o objetivo de conhecer a realidade dos arquivos dos Poderes Executivo e Legislativo dos

municípios gaúchos e disponibilizar informações para que os mesmos tenham condições de implementar políticas de gerenciamento e preservação de seus acervos.

O Seminário sobre Gestão Documental como ferramenta de trabalho, realizado pelo Arquivo Público do Estado, no dia 5 de dezembro, fez o lançamento do projeto do Censo para representantes dos municípios.

A partir de março de 2004 serão feitos treinamentos regionais com representantes dos municípios que integram as vinte e quatro Associações de Municípios do RS. Serão disponibilizados instrumentos de coleta de dados que deverão ser preenchidos, retornando, por meio eletrônico ou correio, para a FAMURS ou o Arquivo Público.

Na seqüência será feita uma compilação dos dados para montagem de um diagnóstico (banco de dados) da situação de cada arquivo municipal, que permitirá a definição de procedimentos de constituição, gerenciamento e preservação dos acervos documentais produzidos pelos municípios.

SUA OPINIÃO

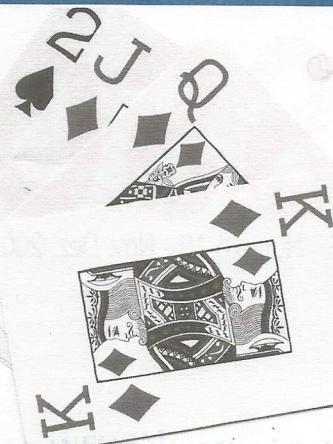
Até onde vai a importância da criação dos Conselhos de Arquivologia para a valorização da profissão?
Pág. 03

V SEMANA DO ARQUIVISTA

Programação realizada em Santa Maria e Porto alegre teve excelente nível técnico.
Pág. 04

ENTREVISTA

A arquivista Rosane Pivetta fala dos trabalhos no Arquivo Municipal de Santa Maria e analisa a situação dos arquivistas.
Pág. 05



As cartas estão na mesa

INFORMAÇÃO. Esta é, segundo os principais teóricos modernos, a base fundamental da atual sociedade.

Empresários, lideranças políticas, analistas e pesquisadores confirmam que saber gerenciar e disponibilizar em tempo hábil o grande volume de informação produzido ininterruptamente é uma exigência cada vez mais presente em nosso cotidiano.

Empresas e sociedades sem processos eficientes de gerenciamento de informação podem deixar passar o “bonde da história”, perdendo competitividade e posição no mercado (e no mundo globalizado) rapidamente.

Não se discute mais: ter informação não basta. É preciso saber gerenciar e aproveitar os dados, transformando-os em conhecimento através de processos sistematizados.

Precisamos todos nós, arquivistas, saber aproveitar o impacto desta realidade para fortalecermos e valorizarmos a nossa atuação. Para isso, é fundamental, mais do que nunca, debater internamente e com a sociedade o papel do arquivista, cobrando mais seriedade na condução dos processos arquivísticos em nosso país e mostrando o real custo (financeiros, de imagem, ...) do amadorismo. Ao mesmo tempo, temos que buscar o aperfeiçoamento constante sob pena de sermos ‘engolidos’ pelas mudanças e novas tecnologias de armazenamento e gerenciamento

de dados.

A Associação dos Arquivistas do RS, em conjunto com diversas organizações e entidades, tem buscado promover e estimular estes debates, assim como a qualificação dos profissionais e acadêmicos arquivistas. Entretanto, esta mobilização e fortalecimento da categoria não pode ser “responsabilidade” única da Associação ou de qualquer outra entidade representativa. A defesa e promoção do arquivista deve, antes, ser um comprometimento de todo e qualquer arquivista.

Vai depender da força de nossa mobilização a valorização de nossa profissão. Ausentar-se dos debates e distanciar-se da troca de conhecimento só resultará em perda de espaço para outras áreas do conhecimento. Nesta edição do Jornal ACESSO, que vem reformulado, apresentamos os resultados de diversos eventos realizados no RS, pela Associação em parceria com cursos e demais entidades. Também chamamos os colegas para a discussão sobre a formação dos Conselhos de Arquivistas X participação. Para completar, apresentamos o calendário para o 1º semestre de 2004 e ainda uma entrevista com a coordenadora do Arquivo Histórico Municipal de SM.

Participe de sua Associação.

As cartas já foram lançadas e o jogo depende de cada um de nós.

Anuidade !

O valor da Anuidade ficou assim constituído: **PROFISSIONAL:** Anuidade em um pagamento de R\$ 70,00; ou dois pagamentos semestrais de R\$40,00 ou ainda doze parcelas de R\$7,00.

ESTUDANTE (comprovante de vínculo): Anuidade em um pagamento de R\$ 35,00 ou dois pagamentos de R\$ 20,00; ou doze vezes de R\$ 3,50.

Observações: pgto. até o 10º dia de cada mês. Proporcionalidade da Anuidade conforme a data de adesão.

Formas de pagamento:

1. Depósito - Banco 001 - Banco do Brasil S.A. Ag.:3334-0 (Porto Alegre-RS) - Conta Corrente: 9808-6. Titular: Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul. Enviar o comprovante acompanhado dos dados do associado: Fax: (55)222.3444 - Ramal 255 (SM). (51) 3224.3614 (POA)

2. Cheque Nominal para Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul. Rua Floriano Peixoto, 1750/306.



Jornal ACESSO

Rua Floriano Peixoto, 1750 - CEP: 97.050-372

Santa Maria - RS

Fone/fax: (55) 222.3444 - Ramal: 255 (SM)

Fone: (51) 3224.3614 (POA)

(51) 3222.5108

E-mail: aars@bol.com.br

Site: www.arquivologia.ufsm.br/aars

DIREÇÃO GERAL

Presidente: Clara Marli Kurtz

Vice-Presidente: Raquel M. da Silva

1º Secretária: Maria Cristina Fernandes

2º Secretária: Elis Regina Biazin

1º Tesoureira: Marcia Campos

2º Tesoureira: Rosanara U. Peres

CONSELHO FISCAL

Maria R. Osmari, Rejane Tonetto, Aline Pereira, Luciana Bortolotto, Renata Vasconcellos e Rosaura Tossi Antunes.

JORNAL ACESSO - Informativo da Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul - Ano 5 - Número 19 - Novembro/ Dezembro 2003.

Comissão Editorial: arq. Clara Marli Kurtz, arq. Raquel Miranda e jorn. Carla Suptitz.

Produção e realização: CRS - Comunicação Integrada

Assessoria de Comunicação

Jorn. Responsável:

Carla Suptitz

Impressão Gráfica UFSM

Periodicidade: Trimestral

Tiragem: 300 exemplares

Distribuição gratuita e dirigida

Os artigos opinativos não correspondem, necessariamente, à opinião da Associação.

E os Conselhos?

Com frequência, a discussão sobre a criação dos Conselhos de Arquivologia torna-se presente nas reuniões e encontros de associados, sendo que a Associação é cobrada por um posicionamento sobre o assunto.

Todos conhecemos as tentativas de encaminhamento ao Congresso de projetos de lei para criação dos Conselhos. Três deles partiram de parlamentares e de representação profissional do RS. Todos os projetos foram arquivados (pararam no ARQUIVO) por chegarem ao final do ano legislativo sem parecer das Comissões para entrar em discussão na Câmara.

O último projeto, encaminhado pelo Dep. Agnelo Queirós, em 2001, recebeu parecer desfavorável por não apresentar, na exposição de motivos, dados suficientes que justificassem a sua aprovação: faltava conhecer quem são os arquivistas, quantos são e onde estão.

Ora, nos 25 anos de Cursos de Graduação, somente a UFSM já formou mais de 500 profissionais. Se contarmos os outros Cursos - hoje em número de dez - somaríamos, com certeza, mais de 3 mil arquivistas. Em certos momentos, chegamos a acreditar que a solução seria a proposta do professor Manuel Vazquez (5º Congresso de Arquivologia do Mercosul) de cambiar o nome do profissional para "administrador de documentos e arquivos" em lugar de arquivistas, para, desta forma, modificar a realidade e sermos reconhecidos como profissionais da gestão da informação diretamente integrados com as instituições e a sociedade.

Por outro lado, uma simples mudança de nome não modifica nossa apatia e posicionamento sobre o tema, esperando que a Associação encabece a luta e,

com a aprovação dos sonhados Conselhos, modifique a imagem que os administradores e a sociedade tem do arquivista.

Temos acompanhado o debate através da lista de discussão do arquivistas@yahoogrupos.com.br e transcrevemos a posição do

colega Marco Moysés Cunha.

Gostaríamos que nossos associados se manifestassem sobre o texto ou apresentassem suas idéias sobre como podemos encaminhar a questão da Criação dos Conselhos de Arquivologia. Não desistimos de conhecer sua opinião.

CAROS COLEGAS

Há muito tempo tenho acompanhado as discussões sobre nossa atuação profissional, principalmente a questão do Conselho. E só para posicionar: sou formado em Arquivologia pela Unirio, onde estudei de 1984 a 87, ocupando também a presidência do então Centro Acadêmico na primeira eleição direta pós-ditadura. Fiquei muito feliz de encontrar dois e-mail's lúcidos sobre a reportagem da Você SA mas, pelo conteúdo até então encontrado, achei que seria polêmico discordar da posição predominante. Agora, com estes e-mail's do Júlio Cesar e do Kleber, sinto que nem tudo está perdido.

De início, para que todos entendam, sugiro que verifiquem, exatamente, significados e conceitos de formação, capacitação e competência. Estes termos foram bastante empregados na "série" que sitei anteriormente. Sugiro que o slogan na mensagem do Júlio seja objeto de reflexão: **Competência sim, Reserva de mercado não!** Reserva de mercado nos leva a relembrar as teorias tecnicistas e tecnocratas, a estagnação da evolução científica, a burocracia e a interesses sobre a manutenção da "mesmice".

A questão do Conselho vem se arrastando desde antes de meu início na Arquivologia (e lá se vão 20 anos) sem nenhum avanço significativo. A quantidade de profissionais registrados, apesar de ser uma razão real, já está extremamente desgastada como "desculpa". O que mais estaria impedindo nossos Conselhos? Não nos prendamos a uma Regulamentação da Profissão e a um Diploma para gritarmos a plenos pulmões que somos capacitados e competentes. Existe algo mais...

Posições políticas à parte e com bastante exagero, quem há de contestar a competência empírica de Roberto Marinho, Assis Chateaubriand e Nelson Rodrigues (que não possuíam diploma de jornalista), Lula (diploma de Torneiro Mecânico pelo SENAI), Carlos Lacerda (iniciou o curso de Direito, mas nunca terminou) e outros tantos? Destes, apenas Chatô possuía nível superior em Direito. Desculpem os exemplos extremos mas o nosso caso é um pouco diferente. O Diploma (a formação em Arquivologia) é a base para se começar a atuação profissional, nisso eu concordo, acredito e por isso, me formei, mas é bastante para mantê-la? Com certeza, não.

Para combatermos os "oportunismos" e a "falta de seriedade profissional" não precisamos de reserva de mercado, precisamos, sim, do seguinte quadrilátero: autorização de exercício, formação, capacitação e competência. O primeiro item, a Lei nos dá; o segundo, a Universidade e suas diversificações; o terceiro e o quarto, somos nós e o Mercado.

Por isso, a discussão sobre o Conselho ainda é muito pequena em relação a realidade da atuação profissional do arquivista. E, mais uma vez para lembrar um exemplo, os Arquitetos e Engenheiros dividem o mesmo Conselho, nisso a Arquivologia e a Biblioteconomia estão muito mais próximas nas atividades.

Marcos Moysés da Cunha - Arquivista - Reg.DRT/MTE nº 5154

V SEMANA DO ARQUIVISTA



O dia do Arquivista foi comemorado pela AARS com a realização da **V Semana do Arquivista** que desenvolveu-se em duas etapas: a primeira, em Santa Maria, que culminou com o tradicional “Café da Manhã” de confraternização entre arquivistas, acadêmicos e professores; e a segunda etapa, em Porto Alegre, cujo encerramento se deu com um Jantar de Confraternização entre os profissionais.

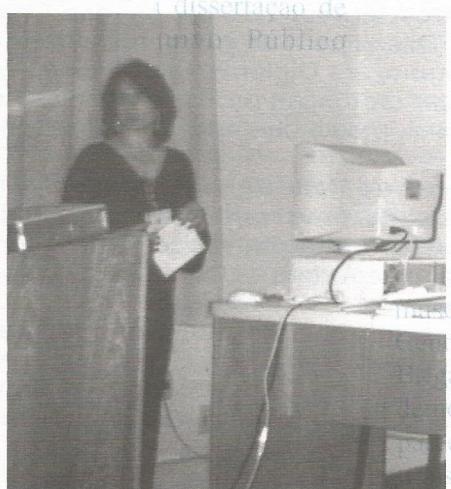
A Semana contou com palestras nas duas cidades. O Professor Joel Abílio dos Santos, sintetizando o tema tratado em sua dissertação de Mestrado “O Arquivo Público

comorazão e contra-razão de Estado”, demonstrou a força do Arquivo como instrumento do poder do Estado. Já as arquivistas Raquel Miranda da Silva e Elis Regina Biazin falaram sobre a sistematização dos Arquivos da UNIMED de Santa Maria, enfatizando o papel do arquivista no gerenciamento das informações para a redução da massa documental das empresas; a advogada Simône Flores apresentou o tema “Aspectos Jurídicos do direito autoral”, especificando os caminhos da obtenção do registro de uma obra de caráter cultural, literária, artística, entre outros, e quais as garantias que o autor tem com esses registros.

A Semana também contou com a apresentação da arquivista Maria Cândida Skrebsky e a técnica em



museologia Giane Escobar, do Centro Histórico coronel Pilar, da Brigada Militar, de Santa Maria, que demonstraram como um trabalho em parceria arquivo e museu pode transformar um amontoado de papéis e peças históricas num centro ativo de cultura e história da Instituição.



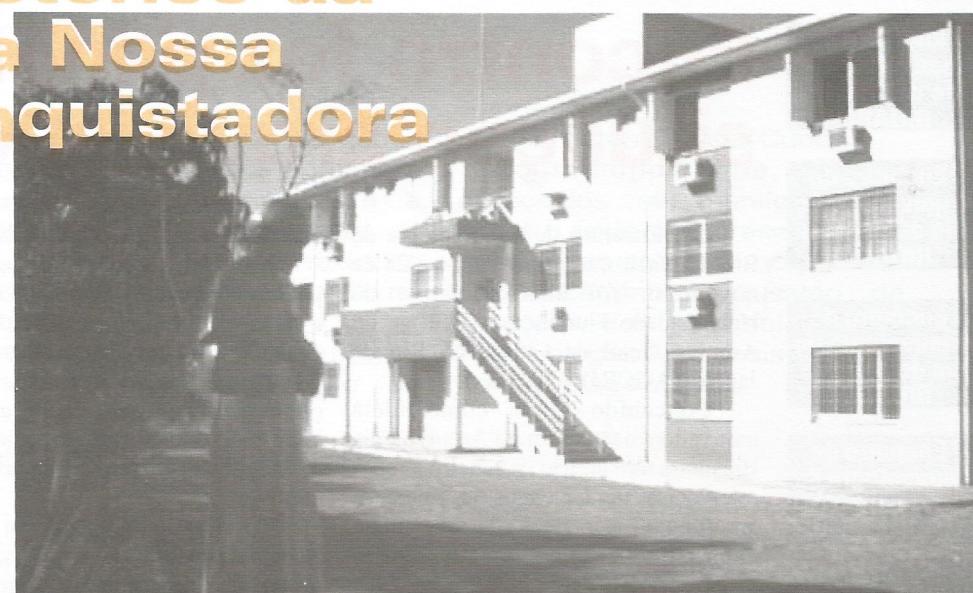
VII ENEARQ

O Diretório Acadêmico **José Pedro Esposel**, do **Curso de Arquivologia**, da **UNIRIO**, no Rio de Janeiro, promoveu, de 23 a 25 de outubro, o **VII Encontro Nacional de Estudantes de Arquivologia** que teve a participação de representantes de todas as Escolas de Arquivologia do Brasil.

O Rio Grande do Sul se fez representar com uma delegação de estudantes dos Cursos da **UFSM** e da **UFRGS** chefiados pela professora **Rosanara Urbanetto Peres**, da **UFSM**, que destacou a participação dos estudantes no debate de temas de relevância para a área e na defesa dos ideais daqueles, como **José Pedro Esposel**, vem buscando desde a década de 70.

O evento teve a apresentação de trabalhos de profissionais e alunos dos cursos de arquivologia, visita guiada ao **Arquivo Nacional**, condecoração da arquivista **Rosely Curi Rondinelli**, do Museu do Índio, conhecida nacionalmente por sua atuação e publicações na área dos arquivos.

Arquivo Histórico da Província Nossa Senhora Conquistadora



Das duas finalidades principais dos arquivos - administrativa e histórica - esta segunda talvez seja a mais instigativa das tarefas do Arquivista. Desvendar fatos, deparar-se com provas vivas de acontecimentos passados que certamente explicam o que estamos vivendo agora e porquê. Garimpar verdadeiras relíquias, presenciar a evolução dos registros, tudo isso é possível no arranjo de peças históricas. A memória que, segundo Von Simson (2000, p.63) “é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc)”, resgata o passado para servir e compreender o presente e o futuro. Sem ela, não seria possível conhecer e não haveria possibilidade de armazenar informação. Estas informações servem de busca da própria identidade, tanto individual como coletiva e da história social.

Este é o propósito da Província Nossa Senhora Conquistadora quando do interesse de organizar seu acervo de mais de 100 anos de história. As instituições eclesiásticas são de vital importância para a sociedade e o valor de seus arquivos não se dá somente na reconstituição histórica da Igreja, como também na realização de estudos sobre a sociedade relacionada com questões demográficas, culturais, ideológicas, entre outras. A iniciativa de arquivar documentos, como prova de atividades e direitos, esteve presente desde os primórdios da igreja.

A finalidade da vinda dos padres palotinos ao Brasil foi prestar assistência religiosa aos imigrantes italianos que se ressentiam pela ausência de confrades ou religiosos que pudessem confortá-los em um país estrangeiro. No entanto, além de propagar a fé entre os imigrantes, tiveram significativa importância para o desenvolvimento de

toda região e consolidaram-se em todo o território nacional. Os padres palotinos instalaram-se, à princípio, em Vale Vêneto, e posteriormente em toda a região da Quarta Colônia e Santa Maria. No inicio, as dificuldades eram grandes: tudo por fazer, poucos padres, poucos recursos. Os leigos viam nos palotinos homens de Deus e continuadores da missão de Jesus. O nome da Congregação se deve ao seu fundador São Vicente Pallotti, um homem inovador que se destacou na igreja no século XIX. São Vicente Pallotti fundou a Sociedade do Apostolado Católico, com o objetivo de realizar uma Missão concreta da Igreja: despertar os cristãos, especialmente os leigos, para o apostolado católico, usando, para isso todos os meios possíveis. A Sociedade do Apostolado Católico está hoje presente em vários países do mundo.

Os ideais e o carisma do fundador não podiam ficar restritos ao Rio Grande do Sul. Novas frentes de trabalho foram abertas no Paraná, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Rondônia, os confrades palotinos levando o carisma de Pallotti. São inúmeras as iniciativas, principalmente no que diz respeito à educação e assistência social, como as missões palotinas, as quais se dá nos Continentes.

O acervo histórico da Província Palotina em Santa Maria contém documentos desde a chegada dos palotinos ao RS, em 1886, até os dias

atuais. A Província é dividida em períodos distintos: Missão Brasileira (1886-1909), Província Americana (1910-1919), Distrito (1920-1929), Região (1930-1940) e Província Nossa Senhora Conquistadora. Há, ainda, documentos das escolas, paróquias e seminários palotinos e dos padres e irmãos que pertencem ou pertenceram à Província (falecidos e egressos).

Neste trabalho fica bem claro a relação ética entre as organizações e o Arquivista. É necessário estabelecer uma relação de confiança entre as partes, o Arquivista é uma pessoa estranha que irá vasculhar e conhecer a vida da entidade como um todo. Ao profissional cabe instigar confiança, usar de sensibilidade, respeitar limites e principalmente guardar sigilo.

É louvável a preocupação dos palotinos com seu acervo, fonte valiosíssima da história da região de Santa Maria. Como bem nos fala o Pe. Bonfada (1991, p. 05) “Pessoa sem memória é pessoa perdida no tempo e no espaço e, por isso, privada de qualquer possibilidade de se organizar em vista à sua sobrevivência”. A responsável pela implantação de políticas de tratamento documental na Província Palotina foi a Arquimex Consultoria.

Raquel Miranda da Silva
Elis Regina Biazin
Arquivistas Arquimex Consultoria

I Encontro de
Arquivologia do
Rio de Janeiro
RIOARQ

I Encontro de
Arquivologia do
Rio de Janeiro
RIOARQ

I Encontro de
Arquivologia do
Rio de Janeiro
RIOARQ

I Encontro de
Arquivologia do
Rio de Janeiro
RIOARQ

I Encontro de
Arquivologia do
Rio de Janeiro
RIOARQ

I Encontro de
Arquivologia do
Rio de Janeiro
RIOARQ

I Encontro de
Arquivologia do
Rio de Janeiro
RIOARQ

Encontro fez panorama sobre situação arquivística no país

O I Encontro de Arquivologia do Rio de Janeiro, realizado de 26 a 28 de novembro, foi uma iniciativa da Universidade Fluminense (UFF) e do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ).

Concebido tendo como idéia motivadora o fato de que a Arquivologia Brasileira tem no Rio de Janeiro as suas referências fundamentais, o Encontro aprofundou a certeza de que neste momento torna-se oportuno discutir as novas abordagens de como produzir e praticar o conhecimento arquivístico, a partir do momento que é sentida uma certa inquietação entre os colegas diante da inércia de alguns setores onde o patrimônio arquivístico não está sendo valorizado e questões locais ficam, muitas vezes, diluídas nos eventos nacionais.

A coordenação científica foi dos professores Maria Odila Fonseca e José Maria Jardim, da UFF. Já a coordenação geral ficou a cargo da professora Gracida Alves, do AGCRJ.

A metodologia adotada para o evento foi a organização de mesas redondas, que reuniram os seguintes temas: Instituições arquivísticas públicas; Serviços arquivísticos públicos e privados; Atuação profissional e formação do profissional e a Produção do conhecimento.

Na primeira plenária, o representante do AGCRJ Austregésilo de Atayde salientou a aprovação da Lei Municipal de Arquivos Públicos e Privados da cidade do Rio de Janeiro e algumas dificuldades encontradas na gestão deste arquivo.

Jaime Antunes apresentou alguns aspectos relativos ao Arquivo Nacional, sediado no Rio de Janeiro, e a instalação de uma unidade regional em um prédio inteligente em Brasília para abrigar 200 quilômetros de documentos textuais e eletrônicos produzidos pelos órgãos de Brasília.

A diretora do Arquivo do Estado do RJ, dentre os aspectos apresentados quanto a realidade deste arquivo, mostrou o quanto ainda falta avançar a valorização e investimento no setor, salientando que o Arquivo do RJ não possui uma sede própria e que, em dez

anos, sofreu quatro mudanças de lugar.

Um aspecto que foi salientado pelos participantes da primeira mesa foi a falta de pessoal qualificado e de concursos públicos para preencher os quadros de funcionários das instituições, que hoje funcionam graças a convênios que permitem pagar bolsas para estagiários atuarem junto aos arquivos.

Outro tema apresentado foi o Censo Nacional de Arquivos, patrocinado pelo governo da Espanha e que será implementado em dez capitais, sendo o Rio de Janeiro o piloto do Módulo 1, com o CPDOC fazendo a implantação do censo nas secretarias. Com relação aos Serviços Arquivísticos Públicos, Carmem Moreno apresentou a realidade da Fundação Biblioteca Nacional com relação a alguns acervos arquivísticos da instituição, principalmente arquivos particulares os quais apresentam manuscritos raros.

Zulmira Pope, do Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), apresentou os diversos Centros e Museus que fazem parte da instituição e os arquivos que integram cada um deles e do IPHAN, sendo a maioria formada de arquivos pessoais. Relatando a história do IPHAN, Zulmira salientou que seu primeiro arquivista foi Carlos Drumond de Andrade.

Outra instituição que participou do evento foi o Centro de Memória e Documentação Casa de Rui Barbosa, cujo representante salientou a experiência ali desenvolvida do trabalho em harmonia de museólogas, arquivistas e bibliotecárias, além dos consórcios firmados com instituições especializadas para acervos que exigem tratamento diferenciado. Terminou sua fala com uma expressão que demonstra muito bem o esforço que vem sendo adotado pela instituição no sentido de buscar a melhor forma de proporcionar acesso aos seus usuários: "Compartilhar dá muito trabalho, mas é o caminho".

Neusa Maria Farias, da Fundação Osvaldo Cruz, FIOCRUZ, apresentou o Sistema de Gerenciamento da Documentação, cuja implantação foi iniciada em 1993.

Na mesa redonda dos serviços arquivísticos privados, a experiência do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi apresentada por Regina Wanderley, a qual salientou os 234 arquivos particulares que integram o acervo do Instituto. Já Regina Moreira mostrou a realidade da Fundação Getúlio Vargas tendo como fio condutor da sua fala o acervo que conserva, as exigências dos historiadores, as estratégias adotadas e as experiências boas e ruins aplicadas para criar e atender as demandas. Também participou do debate, à chefe da Coordenadoria do Centro de Referência da Memória da Eletricidade. Sua apresentação centrou-se na problemática gerada pelo grande número de empresas públicas do setor elétrico que estão sendo privatizadas sem que seus arquivos sejam devidamente preservados. O Diretor do Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, Cônego Aroldo Ribeiro, salientou vários aspectos históricos do seu acervo, como a conservação, em seu acervo, de documentos datados de 1634.

Joice Cardoso apresentou toda a evolução dos arquivos do Centro de Documentação e Informação (CDI) do jornal O Globo, criado em 1954. A profissional centrou sua apresentação no banco de imagens da agência Globo e nas estratégias adotadas a partir de 2001 para dar visibilidade ao acervo, ao trabalho desenvolvido no CDI e à equipe. Esta mesa foi encerrada com a participação do Presidente da Associação dos Notários do Estado do Rio de Janeiro, o qual doou às bibliotecas das instituições ali representadas um exemplar de livro relativo a Arquivos Notariais. Na mesa sobre atuação profissional foram relatada a monografia da UFF, de Suzana Martins, cujo tema abordou a atuação dos profissionais de arquivo e a experiências de Rita São Paio, na DATAPREV.

Formação do profissional e a produção de conhecimento foram o tema de José Maria Jardim e Maria Odila Fonseca. Enfim, o Encontro foi um evento de grande valia que gerou discussões extremamente enriquecedoras para todos os participantes.

Arquivista Rosane Beatriz Pivetta



A arquivista Rosane Beatriz Pivetta da Silva é a coordenadora do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, onde atua desde a administração anterior. Professora Substituta do Curso de Arquivologia da UFSM, ela fala dos projetos desenvolvidos, analisa a formação dos arquivistas e o mercado profissional.

J. ACESSO. Como está o Arquivo Histórico Municipal hoje?

ROSANE PIVETTA - Eu comecei um trabalho ainda na outra gestão, mas, no início não conhecia a instituição. Então tivemos que ver a realidade primeiro. Começamos a desenvolver os projetos que se pensou para o Arquivo praticamente nesta gestão e assim mesmo falta muito. Trabalhamos em parcerias, principalmente com a UFSM e outras instituições de Santa Maria. Na UFSM, com os cursos de Arquivologia e de Educação Especial porque temos projetos que trabalham com a inclusão de crianças que estejam em sala de aula, através da educação patrimonial, que é a valorização da auto-estima e da cidadania. Trabalhamos a memória da cidade com as crianças e esse projeto foi selecionado para o Seminário de Extensão da Universidade, em Gramado. Outro trabalho que temos são as oficinas pedagógicas culturais que ainda não estão implementadas. Neste projeto, cinco adultos com Síndrome de Down irão trabalhar com o acervo do Arquivo produzindo agendas, blocos, Vamos fazer oficinas buscando profissionalizar essas pessoas para que elas sintam que podem viver de seu trabalho.

J. ACESSO. Tens conseguido "quebrar" a distância entre o arquivo histórico e o público?

ROSANE PIVETTA - Eu acredito que sim até pelos trabalhos que a gente faz de inclusão e de ocupação deste espaço. Abrimos para o curso de arquivologia realizar trabalhos de exposição, disponibilizamos, no arquivo, o Diário Oficial, que não é próprio do Arquivo, mas que deixamos aqui para facilitar o acesso para que as pessoas pesquisem concursos, nomeações, aposentadoria, etc.

Temos outro projeto, que não sei como está o andamento porque mandamos para uma instituição

privada. Queremos que pessoas com problemas visuais tenham acesso ao acervo e para isso queremos disponibilizar equipamentos, como teclado em braile. Barrar ninguém.

Vamos ver se conseguimos alguma coisa com o Governo Federal. Estamos aqui para dar cidadania a todos e não barrar ninguém.

J. ACESSO. Quantos alunos já passaram pelo projeto de construção e valorização da memória?

ROSANE PIVETTA - Estamos no segundo ano do projeto porque paramos um ano por falta de verba e redução dos estagiários. Esse projeto é muito mais do que trazer visitas, porque a gente trabalha todo um semestre partindo das experiências pessoais das crianças, em casa, em seus bairros (...) para depois chegar à parte mais histórica da Avenida Rio Branco e ao Arquivo. É um trabalho completo e multidisciplinar.

J. ACESSO. Quais as melhorias implantadas no arquivo e como elas estão?

ROSANE PIVETTA - A gente desenvolveu alguma coisa de 1998 a 2000 junto com a universidade, com o professor Blaya, que fez o arquivo das fotos antigas da cidade e passou para CD, montando um banco de dados. Começamos também o projeto Memória e Poder, cujo acervo, com dados dos personagens políticos de Santa Maria, veio para o Arquivo. Estamos, agora, com um projeto com a UFSM que vamos lançar em 22 de dezembro, no aniversário do Arquivo, de um CD da Emancipação Política de Santa Maria. Tivemos alguns problemas e, provavelmente, vamos lançar em janeiro. Depois, os pesquisadores e escolas que quiserem só terão que deixar um CD para gravarmos. Isso facilita a pesquisa e a preservação porque reduz o manuseio. Nossa equipe é reduzida. Eu, de arquivista, uma recepcionista e dois estagiários de arquivologia.

J. ACESSO. Hoje as condições são ideais? Te a teoria da prática. Isso é

ROSANE PIVETTA - É muito diferente a teoria da prática. Isso é uma coisa que eu deixo bem claro para meus alunos. Na realidade, a teoria é o nosso sonho de arquivo, com os arquivos deslizantes.... Mas o que temos são pessoas que não se preocupam com a memória, em

guardar porque amanhã vão precisar daquele material. Sei de um trabalho desenvolvido antes de eu iniciar aqui, em que foram encontrados arquivos importantes em um depósito debaixo da ponte (seca) do Parque Itaimbé.

A lei que instituiu o Arquivo Municipal de SM é de 68, mas só no início de 90 ele passou a fazer parte da estrutura administrativa da Secretaria da Cultura. Eu comecei a trabalhar, como estagiária, em duas salas. A gente fazia um trabalho para não deixar que se perdesse o acervo. No segundo semestre de 97, a Universidade conseguiu trazer o arquivo para cá porque o Fórum, que ocupava este prédio, havia se mudado. Perto do que tinha lá, aqui está muito bem. O prédio não pega sol, então a temperatura fica constante. Claro que tem o problema de umidade, precisaríamos ter equipamentos de climatização, mas para isso tem que haver recursos que não temos. Não podemos dizer que é o ideal, mas temos um espaço onde conseguimos trabalhar e dar acesso à população.

J. ACESSO. Como vê o mercado profissional?

ROSANE PIVETTA - Eu penso que essa questão tem a ver com a pessoa porque o mercado está aberto para todas as profissões. O teu objetivo é o que interessa para tu conseguires um lugar. Às vezes, falam que o arquivista se forma e não tem lugar para trabalhar. Claro, que as empresas deixam a parte de documentação por último porque têm outros aspectos que acham mais importantes, mas a conquista de espaço é difícil em todas as profissões. Acredito que tenha espaço dentro e fora de Santa Maria se tu te dedicas e procura aperfeiçoar teu conhecimento, até porque hoje estão exigindo especialização, qualificação. Se tu não tens, vão procurar outros profissionais. Se a gente não abre o olho, abrimos lugar para outras áreas. Temos que fazer um trabalho que realmente apareça, com qualidade, para que as pessoas saibam que aquele profissional é importante, que interessa tê-lo na instituição.

CURSO DE CONSERVAÇÃO DE DOCUMENTOS

De acordo com a programação da AARS, foram realizados dois Cursos de Conservação de Documentos no Estado.

Em Porto Alegre, o curso foi promovido em parceria com o Arquivo Histórico Municipal Moisés Velhinho, de 6 a 22 de outubro, com a participação de funcionários de Arquivo, do Museu José Felizardo e particulares.

Em Santa Maria, o curso ocorreu, de 3 a 14 de novembro, e contou com a participação de servidores da Biblioteca e Arquivo da UFSM, professores responsáveis por bibliotecas de Escolas e profissionais dos quartéis, o que demonstra a diversidade de instituições que tem investido na conservação e preservação de seus acervos.

Calendário de eventos do 1º semestre

23 e 24 março

Curso de Redação de Documentos Oficiais
Porto Alegre

15 de abril

Mesa Redonda "Panorama de Mercado de Trabalho em Arquivologia"
Santa Maria

Maio

Curso de Indexação de Documentos
Porto alegre

23 e 24 de junho

4º Seminário Regional de Arquivos
Santa Maria

AGENDA DE REUNIÕES DA DIRETORIA 1º SEMESTRE 2004

MÊS	DIA	HORÁRIO	LOCAL
JAN	07	8h30min	APERGS
FEV	04	8h30min	APERGS
MAR	03	8h30min	APERGS
ABR	06	17h30min	APERGS
MAIO	05	8h30min	APERGS
JUNHO	08	8h30min	APERGS



A seguir, os aniversariantes do último trimestre:

- 02/10 Beatriz Aita da Silva
- 02/10 Denise Silva Visintainer
- 02/10 Luciane Flores
- 08/10 Paulo Henrique Caramês da Silva
- 09/10 Fabiane Madalosso Hoisler
- 15/10 Danielle Bertoldi
- 18/10 Leila Terezinha dos Santos
- 21/10 Carlos Alessio Rossato
- 22/10 José Pedro Pinto Esposel
- 28/10 Alexandre Carvalho Martins
- 30/10 Fabiane Busanello
- 31/10 Suzana Schunck Brochado
- 31/10 Débora Bianquin Chiapinoto
- 01/11 Daniela Francecutti Martins
- 01/11 Dione Calil Gomes
- 14/11 Lucinda Jeanine Motta Reis
- 17/11 Adriana Lampert Berwanger
- 25/11 José Henrique Dias Lopes
- 26/11 Marta Helena de Araujo
- 27/11 Débora Terezinha Pariz
- 05/12 Tiele da Silva Fernandes
- 07/12 Fernanda Regina Munareto
- 07/12 Giane Pontes Pereira
- 10/12 Marlise Cortês Ribeiro
- 11/12 Patrícia Berwanger Batista
- 12/12 Silvia de Freitas Soares
- 14/12 Renata Pacheco de Vasconcellos
- 14/12 Ana Paula Braz Pereira da Rocha
- 22/12 Marcia Pereira da Silva
- 25/12 Euclides Goulart Nunes Pereira
- 26/12 Jussara Gabbi
- 26/12 Maria Ragagnin Osmari
- 27/12 Carlos Blaya Perez
- 28/12 Margarete Bley
- 29/12 Lidiane da Silva Machado
- 29/12 Marcia Pereira da Silva